

O DIÁRIO DE VIAGEM DO TENENTE
G. H. PREBLE.
(Contribuição para o estudo do início das relações diplo-
máticas entre os Estados Unidos e o Japão) (I).

HERÓDOTO S. BARBEIRO

do Departamento de História da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo.

INTRODUÇÃO.

A história diplomática dos Estados Unidos da América já foi muito estudada, notadamente no século XIX, pelos maiores historiadores americanos. Porém, um tópico ainda não foi devidamente pesquisado: a abertura dos portos no Japão. Segundo o historiador Samson, o episódio é muito mais conhecido no Japão do que nos E.U.A., onde o evento histórico não preocupou realmente os estudiosos.

A importância da presença americana nos portos japoneses, ao iniciar-se a segunda metade do século XIX, foi sentida de um lado por uma sociedade que passava por um processo de transformação social e política profundo — o Japão; e, de outro os E.U.A., que fincavam o pé numa área do mundo de possibilidades econômicas incalculáveis.

Os relatos sobre a expedição do Comodoro Perry no Japão, em 1853 e 1854, sua importância política e econômica, foi avaliada através de diários atribuídos à McCauley, ao relatório oficial, ou ao próprio Perry.

Mas, a abertura dos portos do Japão poderia ser melhor entendida se fosse analisado mais um diário: o do então Tenente Preble. O objetivo do presente trabalho é, portanto, traçar as linhas mestras das conjunturas do Japão e dos E.U.A., nos momentos que antecederam os primeiros contatos iniciais entre os dois povos, e a análise do Diário dentro desse contexto. Acreditamos que essa análise pode tra-

zer uma contribuição inicial para um estudo mais profundo do problema.

À primeira vista poder-se-ia pensar que pouco ou nada poderá alterar do que já se sabe sobre a história da abertura dos portos, pela análise de um diário, em vista de existirem outros já estudados. Sustentamos, porém, que a contribuição é válida, na medida que o Tenente Preble deixa entrever em suas observações alguns acontecimentos que poderiam abrir novas perspectivas para o estudo dessas relações diplomáticas.

A expansão territorial, o desenvolvimento comercial, o crescimento populacional e a revolução industrial impeliram os E.U.A. para uma condição única no concerto mundial de nações. Era uma força em potencial que dava os primeiros sinais de atuação, deixando entrever o nascimento de mais um ocupante no primeiro plano da política mundial. A formação da potência americana, que se cristalizaria definitivamente no após I Grande Guerra Mundial, dependeu de certos degraus que sustentaram os E.U.A. em posição hegemônica no mundo. Um desses pontos que formaram esse embasamento, foi a expansão pelo Oceano Pacífico. Outro foi a posse de ilhas e pontos estratégicos no mar, símbolo do domínio e do prestígio internacional. Ainda outro foi a abertura dos portos do Japão, conseguida antes que qualquer outra nação também interessada pudesse concretizar. As vendas de produtos americanos aumentaram significativamente, as importações seguiram o mesmo rumo, as viagens Ásia-América intensificaram-se a ponto de se estabelecer uma verdadeira ponte fluante entre os dois continentes. Nas portas da Ásia, dos mercados, do comércio, das riquezas fabulosas estava o arquipélago japonês. Estaria o interesse americano voltado apenas para o continente asiático, sendo legado a um segundo plano a periferia insular? A chegada do Japão era realmente apenas a formação de uma base de penetração no coração do continente chinês. O Diário de Preble deixa claro que os americanos esperavam bem mais.

A importância que a Ásia foi tomando diante do desenvolvimento do mundo Ocidental, aumentou proporcionalmente às tentativas das grandes potências em dominar, ou reservar para si um maior quinhão de vantagens políticas e econômicas. O Japão surgiu como um degrau de apóio aos E.U.A, que viam abrir-se-lhes grandes oportunidades nessa parte do mundo. É a partir do momento que os americanos fixam-se no arquipélago japonês que todas as relações internacionais sofrem uma aceleração maior e aumenta a rivalidade entre as outras nações. A historiografia tradicional escreveu que foi exatamente pensando em abocanhar o fabuloso mercado da China e, ao mesmo tempo

ameaçar a hegemonia inglesa, que os E.U.A. entrincheiraram-se no Japão. Mas, procuraremos demonstrar através da análise de Preble, que essa posição poderia ser atacada quando o autor deixa claro que os americanos acreditavam na existência de um mercado consumidor no próprio Japão. Esperavam encontrar grandes fortunas, muitos produtos a serem negociados. E, que grande foi a decepção dos *yankees* diante do que a realidade se lhes oferecia.

A análise do Diário de Preble pretende ser apenas um pequeno passo em direção a uma nova interpretação do que significou para os E.U.A. o início das relações diplomáticas e comerciais com o arquipélago japonês.

A segunda metade do século XIX atinge uma importância extraordinária, devido o desenvolvimento do colonialismo, que dará margem às estruturas do imperialismo. A constelação de potências formadas mormente pelas nações européias, debaterá num conflito agudo que se arrastará até a eclosão da I Grande Guerra, em 1914. Diante da formação e esfacelamento de alianças políticas e militares, que pululam no século XIX, os E.U.A. conseguiram manter-se suficientemente independente para desenvolver sua própria política expansionista, sem depender do consentimento desta ou daquela potência. Ao contrário, a História encontra a Nação americana abarcando territórios, que se estendiam desde as suas fronteiras políticas, até os portos distantes, mas onde estavam o interesse da jovem nação da América.

* * *

I. — *CONJUNTURA E EXPANSIONISMO.*

1. — *Os Estados Unidos.*

Os Estados Unidos da América tiveram um crescimento extraordinário no século XIX, a ponto de extravasar do território das antigas 13 Colônias para o continente americano e, daí, para fora dele. A expansão americana no século passado pode ser medida pelo próprio crescimento demográfico da América, onde em 1800 a população era de apenas cinco milhões de habitantes (1). Cinquenta e três anos depois já se contavam vinte e três milhões de almas. O desenvolvimento da Nação americana não se restringia à demografia; as aquisições territoriais serviram de temas para a formação de uma mentalidade expansionista e esta contribuiu para novas aquisições. Os defensores do Destino Manifesto tinham fatos para continuar sua campanha patrióti-

(1). — REYNOLDS (R. L.), *Commodore Perry in Japan*, New York, 1963.

ca pelo país. As fronteiras foram sendo continuamente demarcadas, na medida que se entrava de posse de novas áreas de terras. A compra de Lousiânia, em 1803, a anexação do Texas em 1846 e a do Oregon no ano seguinte, foram convertidas em pontos a serem trombeteados pelos defensores do Destino Manifesto. Diante dos olhos dos mais fanáticos Deus era americano e havia reservado um futuro glorioso ao país, cujas fronteiras, descendo até o Rio Grande, marcavam o nascimento de um gigante, mas um gigante enriquecido pela descoberta de ouro na Califórnia, em 1849.

*

O ideal dos defensores do expansionismo americano rodou o país, pregavam que era destino do povo americano sua expansão pelos continentes a levar a boa nova a todos. O ideal missionário era um passo decisivo para consolidação de interesses econômicos (2).

Os Estados Unidos, uma vez tendo alcançado as praias do Pacífico, viram nascer suas possibilidades de penetrar pelo oceano em busca dos ricos mercados que ficavam do outro lado. A concentração vigorosa de imigrantes na região da Califórnia, após a corrida do ouro, fez com que outras atividades econômicas, além da mineração, se expandissem e principalmente o comércio ganhou um impulso formidável. Porém, já na metade primeira do século XIX, potências européias como a França, Inglaterra e Rússia solidificavam suas posições nas áreas do continente asiático, delimitando na prática a influência de cada uma. Então, a partir daí, o interrelacionamento diplomático tornou-se cada vez mais difícil e complicado, uma vez que os interesses eram conflitantes. Entretanto, o bastião mais bem guarnecido era o da Inglaterra, que possuía já uma tradição hegemônica e se afigurava aos Estados Unidos como o grande obstáculo a ser vencido. Contudo, a tradição de concorrência entre mercadores ingleses e americanos também já se sedimentara, na medida que desde a Revolução Americana os *yankees* tentavam romper o monopólio inglês (3).

O desenvolvimento econômico da América levou os barcos americanos a navegarem por outros mares que não o Atlântico (4). Desde o ocaso do século XVIII, mercadores dos Estados Unidos mantinham um comércio razoável com a Inglaterra, África, Sumatra e mesmo a

(2). — “The... destiny of the american people is to subdue the continent... to animate the many hundred millions its people and to cheer them upward... to regenerate superamuated nations... to teach old nations a new civilization... and shed blessings around the world. Divine task! Immortal mission! Let us tread fast and joyfully the open trail before us”. (*Ibidem*, pág. 10).

(3). — MICHAEL & TAYLOR, *The Far East in the Modern World*, New York, 1964.

Turquia. A presença de barcos americanos no Mediterrâneo tornou-se mais frequente no início do século XIX e os Estados Unidos viram-se obrigados a negociar tratados com as nações ribeirinhas, mormente as do Norte da África, ou intimidá-las com sua esquadra. Quando da abertura dos portos do Japão, em 1853, os americanos já possuíam uma relativa tradição comercial no Pacífico e já ganhavam um bom dinheiro transportando pimenta da Sumatra, que era tão valiosa quanto o comércio com Cantão (5). A intensificação das atividades dos Estados Unidos no Pacífico os levaria fatalmente a disputar os portos e o comércio com as outras nações. Depois, partindo de sua costa ocidental, os navios avistavam o arquipélago japonês, exatamente na rota de Cantão. E, no clima de disputa que, pouco a pouco, ia se acendendo, o Japão assomava-se como um trunfo valioso que poderia ser jogado no momento exato. Não raras vezes baleeiras ou naufragos americanos foram dar em praias japonesas e os rumores sobre essa terra desconhecida e misteriosa avolumavam-se e acabaram por se tornar lenda. Dado o fluxo de barcos americanos nessa área, um contato mais direto seria, mais cedo ou mais tarde, inevitável. Os estrategistas americanos não temiam tanto aos japoneses, mas sim que outra nação rival viesse a tomar partido antes. A ação estadunidense no Pacífico vinha de uma solidificação de posições estratégicas, lentamente, porém sólidas. A navegação e, conseqüentemente, o comércio, dependia da boa localização de bases de apóio, bem como a existência de víveres e água, e por isso, no final do século XVIII, alguns pontos importantes foram anexados. As Ilhas Sandwich, Nootka Sound, Marquesas, Fanning e Fiji marcavam a presença americana naquela parte do globo. Faltava uma consolidação diplomática, uma vez que os americanos ainda não tinham uma tradição tão firme quanto a inglesa no campo da política internacional.

A constituição do comércio americano precisava de um alargamento constante de oportunidade e, muitas vezes, eles apareciam como intermediários de um comércio triangular que se emaranhava por todo o mundo (6).

(4). — MICHAEL & TAYLOR, obra citada, pág. 120.

(5). — "No one of her sea-borne industries was self-sufficient, and many of the greater merchants were directly concerned in all of them.... The outward cargoes to the East Indies were first obtained through trading with the West Indies, the Mediterranean and Northern Europe; and the success of yankee vessels in these markets depended as much on their skillfull handling of southern produce, as on the ancient Massachusetts staples of fish, lumber, whale oil and rum... the bulk of the Oriental cargoes brought in to Salem and Boston was reexported. No section of the edifice could be touched without disturbing the rest". (MICHAEL & TAYLOR, obra citada, pág. 126).

(6). — MICHAEL & TAYLOR, obra citada, pág. 125).

O jogo, que tinha como prêmio a participação numa fatia do mercado asiático, passou a ter vários parceiros a partir de 1834, quando outras potências passaram a agir mais decisivamente, procurando roubar à Inglaterra a hegemonia na área, rompendo o monopólio de fato exercido até então (7). Os Estados Unidos aumentaram sua presença nos mares asiáticos, criando uma forte pressão aos comerciantes ingleses, uma vez que um enfraquecimento britânico teria a conotação de uma melhoria para os seus. Os *yankees* sustentavam a tese da liberdade dos mares, oportunidade recíproca de comércio e liberdade em qualquer praça, com o que não concordava a Grã-Bretanha. As vias de solução diplomáticas encontraram suas limitações naturais e ações mais decisivas substituíram os relatórios e correspondências. Uma delas, bem sucedida, foi a expedição do Comodoro Perry.

A presença das potências ocidentais na Ásia ia se consolidando diante da fraqueza política e militar nos Impérios Orientais, desorientados diante da superioridade tecnológica apresentada pelos brancos. A Inglaterra foi pouco a pouco admitindo a presença de suas concorrentes, todavia procurando sempre manter sob o seu controle o comércio na área. A perda de qualquer posição ou a não conquista de qualquer área, significava permitir aos demais um passo à frente. Os ingleses foram, até meados do século XIX, os senhores da situação. Desde 1842, como o término da Guerra do Ópio, a Inglaterra ocupava uma posição excepcional diante do mercado da China, pois além da abertura de novos portos ao comércio, a dissolução do Co-Hong, a carga de tóxicos aumentou sensivelmente. A posse de Hong-Kong abria perspectivas imensas para o comércio asiático, pois até então todas as nações Ocidentais jamais haviam conseguido um estabelecimento definitivo nas costas da China. A fraqueza do Império Celeste, comprovada nas recentes guerras onde os chineses foram massacrados pela superioridade tecnológica do Ocidente, aguçou o sentido das demais potências, que exigiam os mesmos privilégios conseguidos pelos ingleses, ao que a China debilitada teve de ceder. A Inglaterra passou a contar com as outras marinhas para o policiamento dos mares asiáticos, infestados por piratas, o que lhe beneficiou o comércio. A presença de outras nações comerciantes não fazia antever uma exploração comercial para a década de cinquenta. As possibilidades de lucros transportando chá eram grandes e os americanos faziam-se presentes, concorrendo com as naus inglesas. A notícia dos mercados asiáticos provocaram viva comoção nos produtores americanos, principalmente os da indústria têxtil que olhavam a China como um grande mercado em potencial (8).

(7). — TYLER (D.), *Americans in Eastern Asia*, New York, 1922.

(8). — TYLER (D.), obra citada, pág. 141.

Uma análise das estatísticas do intercâmbio entre os Estados Unidos e a China mostram a velocidade com que esse intercâmbio se processou. O fluxo de mercadorias aumentou continuamente e os navios passaram a navegar abarrotados. Como amostra do que significava esse comércio, transcrevemos uma tabela do fluxo da prata, comparando-se a ordem cronológica e o aumento das importações. Em 1805 o valor era computado em 2.902.000 dólares espanhóis, para vinte e oito anos depois assinalar um aumento considerável. Note-se:

PRATA E PEDRAS PRECIOSAS IMPORTADAS PELOS AMERICANOS
DA CHINA — 1805-1833 (9).

<i>Ano</i>	<i>Dólares espanhóis em prata</i>	<i>Unidades em pedras</i>
1805	2.902.000	—
1806	4.176.000	—
1807	2.895.000	—
1808	3.032.000	—
1809	70.000	—
1810	4.723.000	—
1811	2.330.000	—
1812	1.875.000	—
1813	616.000	—
1814	—	—
1815	—	—
1816	1.922.000	—
1817	4.545.000	—
1818	5.601.000	—
1819	7.414.000	200.000
1820	6.297.000	—
1821	2.995.000	—
1822	5.125.000	—
1823	6.292.840	—
1824	4.096.000	—
1825	6.524.000	—
1826	5.725.200	—
1827	1.841.168	400.000
1828	2.640.000	300.000
1829	740.000	657.000
1830	1.123.644	423.656

(9). — C. J. LATOURETTE (K. S.), *Early Relations between U. S. and China 1784-1844*, Connecticut, 1917.

1831	183.655	1.168.500
1832	2.480.871	667.252
1833	682.519	4.772.561

A explosão econômica dos Estados Unidos, como ilustra o gráfico acima, toma grande impulso na primeira metade do século XIX.

Os Estados Unidos caminhavam decisivamente para a condição de potência econômica e o seu comércio exterior tinha que abrir os mercados de que a nação precisava. A marinha americana tomou um forte impulso a partir de 1840, partindo para a construção de navios mais rápidos e mais amplos. Era um ponto vital para uma nação que se desenvolvia economicamente e precisava desse transporte (10). A produção em geral crescia vertiginosamente nos momentos que separavam a aproximação dos Estados Unidos com o Japão. O segundo exemplo desse *boom* industrial vem do ferro, onde em vinte anos a produção foi multiplicada por quatro, sendo que nenhum país do mundo teve um aumento tão grande quanto o verificado na América, de 1830 a 1850.

PRODUÇÃO DE FERRO (em toneladas) (11).

<i>País</i>	<i>1830</i>	<i>1850</i>
Reino Unido	680.000	2.250.000
França	270.000	400.000
Alemanha	46.000	215.000
E. U. A.	180.000	560.000
Mundo	1.600.00	4.470.000

Desenvolvendo um ritmo acelerado de progresso econômico, os Estados Unidos fatalmente iriam se defrontar com problemas de mercados consumidores e produtores. Uma vez que a atenção das nações economicamente poderosas voltavam-se para a Ásia, ninguém melhor situado que a América para entrar nessa concorrência. O índice de crescimento apontava para a Inglaterra e, logo depois, a França, nações que iriam ter grandes interesses na Ásia. O gráfico adiante ilustra a posição dessas nações:

(10). — "About 1840 the rate of increase in the American marchant marine began to accelerate. The basic cause was ability of American shipbuilders and shipowners to keep pace with the growing wealth, prosperity, prosperity and population of America". MORISON (S. E.), *The Maritime History of Massachusetts, 1783-1860*, Cambridge, 1941.

(11). — NEW CAMBRIDGE HISTORY, volume X, pág. 29.

VALOR DA PRODUÇÃO MUNDIAL GLOBAL (Em milhões de £) (12).

<i>País</i>	<i>1800</i>	<i>1820</i>	<i>1840</i>
Alemanha	60	85	150
Inglaterra	230	290	387
França	190	220	264
E. U. A.	25	55	96

A situação da América era bastante privilegiada diante dos números que ilustram o mapa econômico do século XIX. Importante de se notar é que o maior surto desenvolvimentista do comércio ocorreu nas décadas de quarenta e cinquenta, coincidindo com o aumento da atividade diplomática americana, na busca de portos, de direitos de passagem, de boa colocação para seus comerciantes, e o desenvolvimento de uma marinha de guerra que fosse suficientemente poderosa para garantir os súditos americanos, onde quer que estivessem. Portanto, os números aproximam cada vez mais o desenvolvimento dos Estados Unidos com a abertura dos portos japoneses.

VALOR DOS MANUFATURADOS DOS ESTADOS UNIDOS

DA AMÉRICA (13).

<i>Ano</i>	<i>US\$</i>
1810	198.613.471
1840	483.278.215
1860	1.885.861.676

O futuro encontro entre Estados Unidos e Japão, iniciado oficialmente com a Expedição Perry, iria ligar por um tratado comercial duas nações que ocupavam situações absolutamente díspares na História. O Japão vivendo ainda dentro de uma estrutura nitidamente feudal, porem que começava a se decompor, e de outro a América, que passava por um desenvolvimento crescente de suas empresas industriais e comerciais.

(12). — KUCZYNSKI (J.), *Die Geschichte der Lage der Arbeiter*, pág. 17, citado por Talmon, vide bibliografia.

(13). — HUBERMAN (L.), *Nós, o Povo*, Brasiliense, São Paulo, 1966, pág. 136.

VALOR DOS ARTIGOS MANUFATURADOS (Em milhões de dólares) (14).

País	1860	1894	1929
Reino Unido	2.808	4.263	—
França	2.092	2.900	—
Alemanha	1.995	3.357	—
E. U. A.	1.907	9.498	69.961

A situação mundial nos meados do século XIX foi bastante propícia à ação da diplomacia dos Estados Unidos da América. O comércio asiático havia ganho um impulso considerável após a derrota da China na Guerra do Ópio e a abertura de novos portos, o que significava maiores possibilidades comerciais no continente asiático. A situação européia propiciou alguns acontecimentos importantes, que desviaram a atenção, momentaneamente, das grandes potências dos seus objetivos comerciais na Ásia. A Europa entreou em grande convulsão em 1848, quando estourou a revolução liberal na França, que culminou com a queda de Luis Filipe, e a implantação da segunda República. A chama revolucionária contagiou toda a Europa, o que provocou uma certa retração em sua política exterior e um sensível abalo nas transações comerciais. Logo nos primeiros anos da década de cinquenta foi a vez da Guerra da Criméia, envolvendo a Turquia, França, Inglaterra, Piemonte e Rússia.

A disputa dos estreitos do Império Turco concentrou toda a atenção das potências européias: era o alvorecer de uma disputa de interesses que iria se esparramar por todo o século. Essa retração foi providencial para os Estados Unidos. Deu-lhes a mobilidade e liberdade de ação de que precisavam para solidificar sua quota de participação no continente asiático, momentaneamente legado a segundo plano. O conflito no Mediterrâneo atraiu as esquadras inglesas, francesas e russa estacionadas no Pacífico, o que propiciou o aparecimento de um vazio que os americanos apressaram-se a ocupar e cujo ponto marcante foi a chegada da Expedição Perry aos portos japoneses, estabelecendo relações comerciais e diplomáticas, antes de qualquer outra potência.

A Inglaterra, tendo levado a China a assinar o Tratado de Wanghia, em 1844, estava abrindo imensas possibilidades comerciais, mas imediatamente outros sócios resolveram participar do quinhão conseguido e, entre eles, os americanos; fizeram com que as intenções inglesas de hegemonia e monopólio sofressem um furo por onde passa-

(14). — HUBERMAN (L.), *Nós, o Povo*, Brasiliense, São Paulo, 1966, pág. 187.

vam os comerciantes estrangeiros. Como as perspectivas comerciais apresentavam-se cada vez mais propícias, os Estados Unidos da América ressentiam-se da falta de uma base naval que lhes desse condições de atingir o mercado chinês e suprisse a falta de um porto de abastecimento, servindo de ponto de apóio na rota América-Ásia, através do imenso Pacífico.

Os contatos extra-oficiais dos Estados Unidos e o Japão datavam da presença de baleeiras americanas no Pacífico, que vez por outra esbarravam no arquipélago nipônico (15). Essas embarcações, já em 1820, ressentiam-se de uma base de apóio mais avançada na região da pesca. Por volta de 1840, os *clippers* americanos rodeavam a África pela rota do Cabo da Boa Esperança, colocando os manufaturados têxteis no mercado da China e voltando carregados de chá, sedas e especiarias (16). Esse fluxo comercial, por si só, já justificava a manutenção de uma base de apóio junto a esses mercados riquíssimos (17).

O desenvolvimento da navegação em geral contribuiu decisivamente para uma maior aproximação Ásia-América. Com isso, a presença Ocidental nos mares asiáticos tornava-se cada vez mais frequente. A América construía seus vapores, fortalecendo a marinha de guerra (18). Porém, na medida que esses monstros de ferro iam substituindo os navios à vela e cruzavam todos os mares do mundo, eles trouxeram um problema de praticidade. A autonomia da navegação não era grande, sendo necessário levar uma quantidade de carvão que era logo consumida e precisava ser substituída, daí a necessidade permanente de bases fornecedoras de combustível, sem o que o seu emprego tornava-se quase inútil. A navegação de longo curso dependia desses portos de reabastecimento e, na escalada do Pacífico, mais uma vez surgia a possibilidade de se utilizar o Japão como base de apóio. A marinha americana considerava o arquipélago japonês um elo vital na montagem de uma presença constante na área. Por isso, setores militares pressionavam o governo no sentido de se buscar um contato direto com o Japão (19). O progresso tecnológico colocava toda essa

(15). — RAE & MAHONEY, *The U. S. in the World History*, New York, 1955, pág. 15.

(16). — BEMIS, *A Diplomatic History of U. S.*, New York, 1950, pág. 16.

(17). — REYNOLDS, obra citada.

(18). — “The introduction of the clipper ships, the construction of an Isthmian railroad, and later the application of the steam navigation to the trans-Pacific trade, multiplied oriental contacts in the decade before Civil War”. (BEMIS, obra citada, pág. 347).

(19). — TYLER, *Americans in Eastern Asia*, New York, 1922.

área a três ou quatro semanas de São Francisco e os pescadores de baleias divulgavam boatos que as ilhas nipônicas possuíam grande quantidade de carvão que poderia ser aproveitada na navegação a vapor.

Alem do interesse estratégico dos Estados Unidos no arquipélago japonês, vez por outra os jornais publicavam relatos de supostos naufragos que diziam ter sofrido maus tratos no Japão. Isso provocava certa comoção na opinião pública das grandes cidades. Alem de tudo havia ainda o interesse dos missionários que se propunham a se lançar na conversão dos pagãos para o Cristianismo (20).

Antes que a Expedição Perry se concretizasse em 1853, várias tentativas anteriores estavam destinadas ao fracasso, não se completando o estabelecimento de qualquer ligação entre as duas nações. Os japoneses teimavam em manter-se em um isolamento, e por diversas vezes despacharam os emissários estrangeiros. Em 1837, Charles W. King, a bordo do *Morrison*, tentou aproximar-se da praia, mas foi repellido sob ameaça militar. A imprensa americana, que apoiava o expansionismo no Pacífico, exagerava os maus tratos recebidos pelos naufragos e estimulava uma ação mais decisiva. Edmund Roberts levava uma carta do Presidente Andrew Jackson para o Imperador do Japão, mas morreu antes de completar sua missão. Caleb Cushing desenvolveu contatos na China com mercados nipônicos, porem não obteve sucesso.

Em 1846, o Comodoro James Biddle ia transportar Alexander Everett, enviado diplomático junto ao governo do Japão. Na viagem adoeceu e foi desembarcado no Rio de Janeiro. Biddle prosseguiu viagem e conseguiu manter algumas negociações com emissários locais, por falta de tato diplomático deixou-se envolver pela argumentação dos locais. Como não dispunha de força militar razoavel, acabou deixando escoar as possibilidades de entabulação de qualquer acordo que fosse. O Comodoro foi tratado com certa aspereza e diante de suas vacilações os japoneses tomaram a dianteira, rechaçando qualquer possibilidade de contatos. Foi despedido sob ameaça militar (21).

A opinião pública americana dividia-se entre o expansionismo e o não expansionismo. Os comerciantes eram partidários de uma política de expansionismo, quer comercial, quer territorial, e isso pesou

(20). — “Moreover, it was an age in which commerce and the Gospel went hand in hand”. (REYNOLDS, obra citada, pág. 29).

(21). — “Soon after Biddle’s visit to Japan, the question of a treaty of friendship and commerce assumed increasing significance. The Growing trade with the new Chinese treaty port of Shangay and the advent of steam-navigation to the Pacific seemed to indicate the necessity of Japan as a port of call where the indispensible coal might be bukered”. (BEMIS, obra citada, pág. 114).

muito nas campanhas eleitorais à presidência da república. James Polk baseou sua campanha eleitoral na posse de novas regiões e chegou mesmo a defender o brado de *54° 40' or fight*, que dizia respeito ao território do Oregon em litígio com a Inglaterra. A década de quarenta foi agitada por mais uma convulsão expansionista, que culminou com a anexação dos territórios mexicanos. A seguir, o presidente Zachary Taylor empenhou-se em consolidar diplomaticamente as conquistas americanas (22).

As idéias expansionistas coincidem com o desejo dos comerciantes, armadores, industriais, clérigos e fanáticos, e os *Manifest Destiny men*, militares, que impulsionavam a política externa dos Estados Unidos. Nessa época, durante o governo de Milliard Fillmore, a Expedição Perry alcançou o Japão (23).

“Durante o primeiro governo Whig fomentou-se o comércio com o Extremo Oriente, estabelecendo relações diplomáticas com a China. O Presidente Fillmore usou a marinha como instrumento de política comercial, quando, em 1854, mandou o Comodoro Matthew Perry abrir o Japão, que se mantinha hermeticamente fechado. Durante o mesmo governo, as nações estrangeiras foram solenemente advertidas quanto à nossa esfera de influência nas ilhas do Havai e esse arquipélago quase foi anexado” (24).

Perry representava bem a opinião da marinha americana. Esta apoiava decididamente o caráter expansionista americano e por isso foi escolhido pelo Presidente para aproximar-se do Japão. Perry era também um *Manifest Destiny man*, acolhia a idéia que o Japão seria o esteio da presença *yankee* na Ásia, onde via no arquipélago japonês o calço necessário para a consolidação de seus direitos no Oriente (25).

Portanto, o Japão, a partir da chegada da Expedição Perry entraria definitivamente para a História dos Estados Unidos da América. A conjuntura americana houve por bem acelerar o ingresso do Japão na comunidade mundial, em nome dos seus interesses no Extremo Oriente, e naturalmente no mais rico filão comercial, a China. Este breve apanhado sobre as condições que os Estados Unidos viviam, de-

(22). — FREIDEL, *Our Country Presidents*, Washington, 1967.

(23). — TYLER, obra citada, pág. 143.

(24). — BINKLEY, *Partidos Políticos Americanos*, Rio de Janeiro, 1961.

(25). — “... assume the responsibility or urging the expedience of establishing a foot hold in this quarter of the globe, as a mesure of positive necessity to the sustainment of our maintime rights in the East”. (TYLER, obra citada, pág. 143).

monstra que o próximo passo seria a solidificação da presença americana na Ásia, e isso reveste da maior importância a abertura dos portos do Japão (26).

2. — *Os Estados Unidos e o Japão.*

Como vimos, o *background* americano foi caracterizado por uma intenção rígida de se expandir na Ásia e, precisamente, no Extremo Oriente. Porém, se os Estados Unidos apareceram como agentes de uma ação que iria contribuir para uma mudança no comportamento asiático, o Japão era o paciente que passava por uma situação interna conturbada e agitada. A partir daí, a conjuntura asiática sofreria uma modificação profunda.

O xenofobismo japonês já comemorava três séculos de existência. O poder político há muito não era exercido pelo Imperador. Verdadeiramente, havia uma dicotomia governamental, aparecendo de um lado o Imperador cuja atividade era meramente decorativa, voltado mais para as intrigas e futilidades da corte, e de outro, o *Shogun*, chefe militar que exercia o poder de fato. Portanto, os Estados Unidos iriam tentar um encontro com os japoneses num momento difícil, onde o *Shogunato* lutava para conservar o poder e o *Mikado* para reave-lo. Era um momento de desmontagem de uma velha estrutura que seria substituída por outra, que nem mesmo os inovadores sabiam qual seria.

O *Shogunato* existiu sempre nas mãos da família Tokugawa, cujo clã se reservou o direito de transmissão do poder para os seus descendentes e de 1603 a 1868 foram os verdadeiros governantes do Japão (27). Os primeiros contatos foram estabelecidos com os portugueses, no século XVI, que estiveram em Nagasaki e obtiveram permissão de estabelecer uma feitoria e pregar a religião cristã. A presença de missionários, entre eles Francisco Xavier, provocou um choque inevitável entre as duas civilizações. Os portugueses julgaram os nipões com a idéia que haviam formado sobre os asiáticos em geral, mormente na Índia, e julgavam ser fácil impor condições aos japoneses. Isso os in-

(26). — A figura do Comodoro Perry, no dizer de um historiador americano, é mais conhecida no Japão — onde tem até um monumento — do que nos Estados Unidos. A partir de 1853 a atividade diplomática e comercial dos Estados Unidos e do Japão passaram por um crescendo. A ação de Perry foi decisiva na medida que agiu como um agente catalizador diante de uma situação interna dividida entre os favoráveis e os contrários à integração do Japão na comunidade asiática. Apesar da argumentação dos primeiros, defendendo a tese que ou se industrializava o país para concorrer com as potências ocidentais, ou esperar ser colocado de joelhos diante de nações mais fortes.

(27). — MICHAEL & TAYLOR, obra citada.

compatibilizôu, e a presença dos lusos provocou alguns atritos mais sérios. Distúrbios internos levaram os missionários a tomar partido e se envolver na política interna, e os bonzos enciumados aproveitaram para jogar o governo contra os estrangeiros (28). Hideyoshi resolveu expulsar os pregadores cristãos do Japão. A partir dessa experiência, o xenofobismo japonês começou a se desenvolver e o país começou a esporular.

Os contatos com o Ocidente chegaram mesmo a ser proibidos e a pena para os que burlassem a norma era a de morte, que também era extensiva aos estrangeiros. Qualquer comércio com os brancos era punido com o apresamento do barco e a morte dos infratores. Na carapaça que construíram em torno de si, os locais deixaram uma pequena brecha, representada pelo porto de Deshima, em Nagasaki, no Sul, onde os holandeses receberam permissão para montar um pequeno entreposto comercial e receber um navio anualmente. Através desse porto entraram armas de fogo, pequenos produtos manufaturados e notícias do mundo trazidos pelos batavos.

Enquanto a Ásia fervilhava com as guerras, comércio, tratados, navegações, as ilhas japonesas haviam sido praticamente marginalizadas do contexto asiático. O interesse imediato era a China. O Império Chinês vivia totalmente fora da realidade do século XIX, preso ainda aos velhos conceitos da civilização clássica e do sinocentrismo.

A sociedade japonesa vivia a velha ordem feudal imposta pela hierarquia militar associada aos grandes proprietários de terras. Os *fudai-daimyos* e samurais ainda subsistiam sob a regência do Shogun e o beneplácito da corte imperial. Porém, na medida que os contatos do Ocidente com o Oriente se intensificavam, cada vez mais o jogo de interesses se acirrava. As nações brancas disputavam áreas que pudessem servir de bases para o seu futuro domínio da região. É lógico que se todo o continente asiático estava sendo redescoberto, que o Japão fizesse parte dessa realidade (29). O desenvolvimento econômico das potências industriais procurava avidamente os mercados consumidores e a Ásia era potencialmente o maior.

O isolamento das ilhas japonesas livrou-as de conflitos externos com os brancos; viviam uma situação confortável e favorável, porém ao mesmo tempo inquietante. As notícias ventiladas no exterior diziam sempre respeito às vitórias alcançadas pela superioridade militar dos

(28). — GROUSSET e DENIKER, *La Face de l'Asie*, Payot, Paris, 1955, pág. 350.

(29). — PANIKKAR, *Dominação Ocidental na Ásia*. Rio de Janeiro, 1969.

brancos. A situação interna girava em torno mais de uma perspectiva imediatista. O Japão, por enquanto, estava a salvo, e as ilhas viviam em relativa calma. O processo de retomada do poder pela corte já havia sido desencadeado e o Mikado acumulava cada vez mais importância. O Shogunato, superado e conservador, não dispunha de fórmulas capazes de solucionar os novos problemas que se avolumavam. A estratificação social era acentuada e os camponeses eram obrigados a trabalhar muito para cobrir os impostos. A ausência de grandes guerras levou à dispensa dos samurais, que viviam pobremente e vagabundeando pelo país, constantemente assaltando para viver, atraindo a ira da população e constituindo-se em um flagelo (30).

Até então o Japão estivera fora das rotas que conduziam aos mercados chineses. Usava-se muito a rota do Cabo da Boa Esperança, e mui raramente um ou outro barco buscava a travessia do Pacífico via Cabo Horn. A partir do momento em que a presença americana fazia-se mais intensa, com viagens da Califórnia para Cantão, o arquipélago japonês assumiu uma importância instantânea. Poderia vir a se constituir em uma estratégica base comercial e mesmo militar. A existência de uma classe de mercadores locais contribuiu para o aumento dos adeptos de uma abertura dos portos e de um contato direto com os brancos. Os mercadores mantinham relações com a China, onde praticavam um comércio ilegal (31). As leis de isolamento levantavam obstáculos intransponíveis para o desenvolvimento econômico (32). Daí os mercadores apoiarem a legislação de leis mais flexíveis e o ingresso do Japão no concerto asiático (33).

Os mais destemidos começaram a defender a abertura dos portos. Os entraves à modernização do Japão eram o *shogun*, os *daimyos*, os *samurais*, pois a ocidentalização faria ruir fatalmente o edifício feudal. A evolução histórica do Japão, nesse período, abalou profundamente a infra-estrutura local, já ressentida com o êxodo rural e o crescimento

(30). — PANIKKAR, obra citada.

(31). — MICHAEL & TAYLOR, obra citada.

(32). — A normalização diplomática só veio a ocorrer após alguma permanência do comerciante Townsend Harris, o primeiro consul americano no Japão, sob o mandato do Presidente Pierce. O êxito da expedição à Ásia aguçou a gula dos expansionistas americanos, e o Presidente Pierce teve que usar de muito tato para evitar uma guerra com a Espanha. Os americanos do Sul queriam a compra da ilha de Cuba, ou a guerra, desde que terminasse com a concorrência do açúcar. (BAYLEY, obra citada, pág. 332).

(33). — A evolução do Japão, depois da abertura dos portos, entrou em velocidade vertiginosa. Com ela, a ocidentalização e o industrialismo. No ocaso do século XIX manifestava-se a aurora do seu imperialismo. Vencedor da I Grande Guerra, conquistador da Mandchúria, até que a admiração geral teve como ponto de exclamação maior as bombas atômicas de 1945. Novamente os Estados Unidos.

das cidades, o grande número de samurais *vagabundos* e o descontentamento geral dos camponeses. Eram problemas insolúveis para a mentalidade racionária do Shogunato. Apenas a violência poderia calar os intelectuais, que desde 1720 alimentavam sentida simpatia pela cultura e modo de vida ocidentais. Houve uma união dos comerciantes e intelectuais. Estes foram descobrir no *Kojiki* e no *Nihohji* que a supremacia política pertencia ao Imperador e não ao Shogun, e que só àquele competia decidir se ir-se-ia ou não decretar a abertura dos portos (34).

O processo de queda do Shogunato já havia sido ativado quando da chegada dos americanos, porem estes contribuíram para sua aceleração, na medida que funcionou como um fator externo de grande importância. A facção liberal-intelectual tinha alguns argumentos realmente convincentes. A constante presença de navios russos e britânicos em águas japonesas era uma delas. A notícia do final da Guerra do Ópio era do conhecimento geral. Previa-se que o Japão teria o mesmo destino inglório da China, massacrada, humilhada e dividida pelos ocidentais. A menos que o Japão se tornasse uma potência, seu destino seria o mesmo. Portanto, os intelectuais e comerciantes começaram a divulgar que uma abertura dos portos seria uma medida patriótica. A utilização das novas e mortíferas armas era vital para o país e isso só poderia ser aprendido com os brancos. A partir daí, o Shogunato teve sua queda acelerada.

A expedição Perry começou a ser montada de acordo com os ideais dos Estados Unidos. O modelo da ação americana inspirava-se em outras investidas cometidas pelas nações européias na Ásia. Os americanos desconheciam o que se passava na política interna do Japão, havendo mesmo um certo descuido, uma vez que uma pequena nação asiática não apresentaria grande resistência. O Presidente Fillmore governava o país por ocasião dos contatos com os japoneses e foram seus dois Secretários de Estado, D. Webster e E. Everett, que de 1850 a 1853 planejaram e executaram a missão. A escolha do chefe da expedição recaiu sobre o Comodoro Matthew Calbraigh Perry, veterano da marinha e experiente no trato com os asiáticos (35). Oficialmente sua missão consistia de além de estabelecer os primeiros contatos diplomáticos, conseguir dos japoneses licença para a compra de carvão, de que necessitavam os vapores americanos, a abertura de um ou mais portos de comércio, além de garantias para navios e náu-

(34). — MICHAEL & TAYLOR, obra citada, pág. 120.

(35). — LEOPOLD, *The Growth of American Foreign Policy: A History*, New York, 1962.

fragos (36). A escolha de Perry para comandante em chefe da missão recebeu o seguinte comentário de *New York Corrier and Enquire*:

“... the most distinguished and proverbially, the most efficient officer in the Navy” (37).

O interesse econômico dos americanos por essa expedição à Ásia era evidente, tanto que o empreendimento contou com amplo apôio por parte dos industriais *yankees*. As perspectivas comerciais foram consideradas favoráveis e isso fez com que os industriais fossem bastante generosos e liberais em suas contribuições. Assim é que entre os presentes embarcados constava um combôio ferroviário completo, em escala reduzida, composto de locomotiva, tender de carvão, um carro de primeira classe e 370 pés de trilhos. Levavam ainda instalação completa para dois postos telegráficos e uma boa quantidade de rifles, pistolas e munição Colt.

Diplomaticamente, a viagem do esquadrão americano, sob as ordens de Perry, consistia na entrega de uma *letter from the President of the United States*. Uma análise dessa carta, antes mesmo de ser estudado o Diário de Preble, pressupõe a elucidação de alguns acontecimentos deveras importantes. Os erros políticos cometidos por Biddle não seriam mais repetidos e a carta trazia em si o que se havia aprendido daquele estranho povo. Ao mesmo tempo que Fillmore iniciava sua missiva com um *Great and Good Friend*, com sotaque bem comercial e amavel, pedia que o Imperador recebesse bem Perry, o oficial que ocupava o posto mais alto na marinha americana (38). Isso dava condições ao Comodoro de negociar em alto nível e ao mesmo tempo exigia do destinatário a dispensa de um tratamento digno de um hóspede de alta categoria.

*

O documento oferece uma observação curiosa sobre as manobras diplomáticas da época. Tal carta seria levada por um poderoso esquadrão militar, que dá uma coloração de *ultimatum* ao Japão, caso esse rompesse qualquer regra do jogo. Os americanos vinham com sua força militar oferecer a amizade e cooperação e uma recusa seria

(36). — O reconhecimento do serviço prestado por Perry não é nunca diminuído, mas os historiadores não esquecem as pressões exercidas de fora para dentro. “Japan was open not because Perry forced it to open but because the shogun’s advisers were convinced of the wisdom of taking this step”. (REYNOLDS, obra citada, pág. 26).

(37). — REYNOLDS, obra citada, pág. 29.

(38). — Carta de Fillmore, conforme REYNOLDS, obra citada, pág. 68.

tida como um ato ofensivo e passível de uma punição mais drástica. Daí que Fillmore, ao mesmo tempo que ameaça, escreve que os Estados Unidos jamais poderiam interferir na política externa de outra nação, pois a Constituição proibia essas intromissões. Há uma evidente ambiguidade na Carta.

O Presidente acreditava atrair a simpatia dos japoneses acenando-lhes com o relato das riquezas fabulosas das minas de ouro da Califórnia e a formidável técnica dos novos vapores americanos. À primeira vista, parece que os Estados Unidos colocariam tudo isso à disposição dos japoneses, apenas em troca da abertura dos portos. Percebe-se bem o espírito de barganha que a missiva queria dar.

Os rodeios diplomáticos continuam até que Fillmore toca no ponto em questão, propondo a abertura dos portos (39). Na verdade, a aceitação da carta nos termos em que foi escrita, significaria uma notável vitória da democracia americana diante de um adversário que havia se mostrado inflexível até então. Assim, define-se o objetivo oficial da Expedição Perry, ou seja, o de propor com certa aspereza a amizade americana, comércio, o suprimento de carvão e provisões, além de abrigo aos náufragos (40).

O primeiro documento diplomático entre os Estados Unidos e o Japão deixava transparecer bem as intenções dos visitantes. Ao final da carta, o Presidente torna-se mais uma vez cordial mercador e a encerra com um *May the Almighty have your Imperial Majesty in his great and holy keeping!*

A urdidura das relações internacionais não admitia vacilações políticas dos *yankees*. Por isso a carta de Fillmore era clara, oferecia certas vantagens, mas exigia, decisivamente, outras em troca. Tendo sido destacado um combôio marítimo como portador e demonstração de força, fazia com que os japoneses pensassem duas vezes antes de responder “não” aos americanos.

Nossa intenção, ao analisarmos o Diário do Tenente Preble, é a de procurar elementos que possam proporcionar um reexame da Abertura dos Portos do Japão. Para fugir à bibliografia tradicional, que relata apenas os objetivos oficiais, conseguir suprimentos, carvão e pro-

(39). — “... to abrogate the ancient laws which forbid foreign trade, they might be suspended for five or ten years, so as to try the experiment”. (Carta de Fillmore, obra citada, pág. 68).

(40). — “These are the only objects for I have sent Comodore Perry with a powerful squadron to pay a visit to your Imperial Majesty’s renowned city of Yedo: friendship, commerce, a supply of coal and provisions and protection for our shipwrecked people”. (*Ibidem*).

teção aos naufragos, procuramos ver até que ponto o interesse americano pelo mercado japonês moveu a Expedição Perry. Porém o Diário de Preble é insuficiente para alicersar essa tese, mas é um ponto de partida seguro e, depois, traz mais esclarecimentos sobre o acontecimento.

A desilusão dos estrangeiros diante das magras oportunidades comerciais que, à primeira vista, o Japão demonstrava, e que foram compartilhadas pelo Autor do Diário, deixa uma questão em aberto: as possibilidades dos mercados japoneses e futuras ligações comerciais. Além do mais, os jornais americanos, após noticiarem o feito de Perry, receberam muitos anúncios de comerciantes e industriais que desejavam vender para o Japão.

A partir do estudo dos escritos do tenente, podemos montar uma base para posteriores estudos sobre o mesmo tema, procurando reconstitui-lo diante de uma nova perspectiva, que é a questão dos mercados. Porém, mesmo que desprezássemos essa idéia, o Diário, por si só, se constitui num documento importante para a avaliação histórica da Abertura dos Portos, e que estava legado, pelos historiadores consultados, a um segundo plano. Concluimos que essa análise proporcionou-nos não só um conhecimento mais íntimo do fato histórico, mas também abriu-nos possibilidades para continuarmos os estudos em busca de uma reinterpretação da Abertura dos Portos.

(Continua).